

“Confinados sim, presos jamais”:

A quarentena em pays¹ boni, Papaïchton, Guiana francesa

Yazmin Safatle

"Ali é um outro mundo, as medidas da quarentena não vão chegar lá"

Foi isso que me foi dito em Caiena em março quando contei que logo mais viajaria à Papaïchton, no extremo oeste da Guiana francesa para realizar meu trabalho de campo. Naquele instante ainda estava em discussão até que ponto as medidas tomadas pela França continental valeriam para os territórios ultramarinos. O meu trabalho versava sobre o povo Boni, um dos grupos étnicos descendentes de pessoas negras escravizadas no Suriname, que se rebelaram e fugiram das plantations do litoral e se instalaram ao longo do rio Maroni no século XVIII.

Eu tive a sorte de poder alugar um quarto junto a uma *maman*² boni, uma senhora idosa, que cultivava sua roça em plena floresta amazônica. No dia seguinte à minha chegada a quarentena foi decretada. A senhora me contou: “Não se vê muita gente na rua. Todo mundo está com medo de sair sem o papel”. Foi assim que eu fiquei sabendo da emenda que previa uma multa para todos aqueles que fossem abordados pelos policiais sem a posse “do papel”. Uma jovem moça boni me contou que nas primeiras semanas ela e suas amigas saíam correndo ao ver os polícias passando na rua.

Minha anfitriã e eu começamos a viver uma rotina de quarentena: nos deslocávamos para a roça algumas vezes por semana, saíamos para fazer compras e ficávamos em casa o resto do tempo. As atividades, portanto, não foram totalmente paralisadas. Dessa forma, me relataram que houve um aumento na produção da farinha de mandioca: aproveitou-se o fato dos adultos estarem em casa e o fechamento das escolas para trabalhar em família e garantir um excedente da farinha para venda.

O respeito às medidas me surpreendeu, uma vez que contrastou com o que tinham me contado sobre esse lugar. É verdade que aqui parece outro país, no qual se fala *alukutongo* – a língua materna dos boni, onde as mulheres vestem o Pangí tradicional, um tecido enrolado em volta

¹Na França é comum designar enquanto “pays” regiões dentro do seu território, que tem cultura e idioma diferenciados. O termo “pays boni”, no entanto, não confere um estatuto particular a esta região, que segue pertencendo integralmente ao estado francês. Atualmente, o povo boni não é contemplado por qualquer dispositivo fundiário ou legislação específica.

² Denominação para mulheres idosas, que têm filhos/as. As mamans são as autoridades familiares e possuem status elevado na sociedade boni.

do corpo ou da cintura, e onde se produz o *Kwakwa*, a farinha de mandioca. Outras características próprias da região são os banhos no rio e os jovens vendendo Açaí em sacolas ou garrafas de plástico.

Mas para além dessas imagens, é a precariedade do sistema público de saúde que distancia esse território das representações da França: a cidade possui apenas um posto de saúde com dois médicos e algumas enfermeiras para 8000 habitantes. A farmácia mais próxima se encontra na cidade de Maripasoula, há uma hora e meia de canoa ou duas horas em uma pista em péssima condição por dentro da floresta.

Em caso de problema de saúde grave, os pacientes são transferidos de helicóptero até Caiena, uma vez que não há uma estrada que ligue o interior da Guiana ao litoral. Em Papaïchton tampouco se encontra álcool em gel ou testes para o Covid-19. Contudo, o fato da circulação de pessoas desde outras cidades, já difícil, ter sido proibida desde fim de março talvez explique porque nenhum caso foi confirmado até hoje. No entanto, a associação local “Fleuve d’hieret d’aujourd’hui” (Rio de ontem e de hoje) organizou a confecção de máscaras para proteção com auxílio da prefeitura. O objetivo é obter máscaras suficientes para os habitantes de Papaïchton e Loka, o vilarejo boni mais próximo. O material para tanto foi transportado com muito custo desde Caiena.

“Algo de mal pode acontecer à família”: O estado de urgência boni

Um homem da etnia Ndjuka, outro grupo marron da região faleceu de velhice. No dia seguinte, as mulheres de seu bairro, Cormontibo, se reuniram na frente da Bashia Ousou, a casa de apoio para as festas de enterro e a cozinha coletiva e os homens no Kee Ousou, onde são realizados os ritos mortuários. Os kapiten, autoridades tradicionais, tiveram uma reunião com a população, para decidir se a cerimônia tradicional de luto deveria acontecer. Depois, eles negociaram com as autoridades do estado francês, a prefeitura e a polícia.

Foi fundamental que a cerimônia acontecesse, mesmo de forma menos suntuosa: em homenagem ao falecido, mas principalmente para evitar as consequências negativas, de ordem espiritual, que poderiam acometer a família caso os ritos não fossem realizados da maneira apropriada. Nada poderia ser mais perigoso do que uma alma que não encontra seu descanso e permanece entre os vivos: esse é o estado de urgência boni.

O material necessário para a festa foi transportado pelo caminhão da prefeitura. Por três dias e três noites o estado de emergência boni prevaleceu diante da crise sanitária global. Ninguém

tinha mais medo de se deslocar sem o documento³. Foi nesse instante que eu entendi. Como me explicou um funcionário público no dia da minha chegada: “Aqui é um outro mundo, aqui é território de famílias. [A polícia, as instituições públicas], todo mundo precisa negociar, é preciso ser diplomático, se não, não conseguimos trabalhar. Tem as leis da França, mas aqui são os direitos tradicionais boni que prevalecem”.

“Confinados sim, presos jamais” – Interpretações locais da quarentena

Em estado normal, a vida acontece na rua, as pessoas saíam para passear, se encontrar, conversar e há muitas festas. No momento, os comércios e os bares estão fechados, com exceção dos mercados que vendem alimentos. As pessoas estão recolhidas, na frente de suas casas ou nos quintais. No entanto, as casas não são necessariamente os seus domicílios. “Eu estou confinado, mas eles não podem me prender”, me explicou um senhor boni. “Ninguém pode prender ninguém, jamais.” Uma moça jovem também se considera confinada, mas ela passa as suas tardes com as suas irmãs, sua mãe e suas primas. Ela leva suas crianças para que elas possam brincar com as demais crianças da família. Minha rotina causou espanto entre as mulheres: “Mas você não pode ficar sozinha trancada dentro de casa o dia todo!”. A solidão é temida. A meu ver, não ficar sozinho/a tem sido a principal preocupação desde o início da quarentena.

“Estar preso/a” para além de “permanecer em sua casa” é associado à “solidão”, que é percebida como uma violência. “Estar confinado” é aceitável desde que contemple o “estar junto”. Para que a expressão “indivíduos reagrupados em um mesmo domicílio” mencionada no documento faça sentido, os membros da família, em geral já habitando bem próximos uns dos outros, se encontram para permanecerem juntos.

Pois, no “território das famílias” se vive em comunidade, “Libi na wan” – viver como um. É dessa forma que as medidas pensadas para a França são ressignificadas de forma a contemplarem a realidade dos boni. Para tal, elas precisaram ser negociadas com as autoridades bonis e readaptadas ao senso de família e liberdade e aos ritos locais.

Papaïchton, Guiana francesa, 18 de maio de 2020.

PS: Agradeço ao projeto ANR GUYINT, do qual essa pesquisa faz parte.

³Mais para o final da minha estadia, já em período de fins de quarentena, eu fiquei sabendo que a maior parte dos moradores nunca possui esse documento, tanto pela falta de acesso a Internet e à impressora, como por saber que “aqui eles não vão controlar isso”. Os gendarmes não atribuíram multa por estarem cientes da realidade local. Pelas minhas observações, eles são cuidadosos em manter boas relações com a população e não cometer atos que possam ser considerados desrespeitosos.

Yazmin Safatle é mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília sob orientação dos professores Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos e Stéphanie Nasuti. Membro do Laboratório Matula – Sociabilidades, Diferenças e Desigualdades.

Fotos: Yazmin Safatle, abril de 2020.



Figura 1 Aviso sobre as medidas no carbetto mortuário denominado Kee Ousou



Figura 2 Confeção de máscaras de tecido pela associação local "Fleuve d'hieret d'aujourd'hui"



Figura 3 Confeção de máscaras de tecido pela associação local "Fleuve d'hieret d'aujourd'hui"